

O filme “Corra!” Como possibilidade de discutir questões étnico-raciais

Elielba Nascimento Reis¹

Jefferson Queiroz da Conceição²

RESUMO

O presente artigo é resultado do projeto realizado na turma do Ensino Fundamental (9º ano) no Colégio Municipal Edvaldo Brandão Correia em Cachoeira-Ba. Buscou-se neste artigo discorrer a questão étnico-racial utilizando o cinema na disciplina de História. E como objetivos específicos: relatar a experiência utilizando o cinema como prática pedagógica; despertar o interesse dos alunos através dos recursos audiovisuais; levantar discussões, compartilhando informações e desenvolvendo uma consciência crítica e reflexiva. Foi utilizado como metodologia de ensino o uso do filme “Corra!” (2017) de Jordan Peele, pensando essa ferramenta como possibilidade de efetivação da Lei 10. 639/03. Após assistir ao filme, os estudantes participaram de debate em sala com relação as questões étnico-raciais. Através da exibição foi possível refletir diversos temas dentre eles: Relações inter-raciais, masculinidade negra e racismo velado. Temas esses que atravessam nossas vivências cotidianamente, e nos levam a repensar nossas identidades e subjetividades.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema, Ensino de história, Lei 10.639/03.

INTRODUÇÃO

¹ Licenciada em História pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), com graduação Sanduíche de um ano pela Universidade Pedagógica – Província de Nampula/Moçambique realizado pelo o Arquivo Brasil Moçambique do programa Abdias do Nascimento com apoio financeiro Capes. E-mail: elielba91@gmail.com

² Licenciado em História pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). E-mail: jefito904@gmail.com

A lei 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica representa um grande avanço na luta por uma educação mais igualitária e inclusiva, sendo fundamental para combater as representações estereotipadas sobre a população negra que foram construídas ao longo da história brasileira. No entanto, com esse grande avanço surgiu também um imenso desafio que é a real efetivação dessa lei nas escolas, o que exige um novo perfil de professores e uma escola disposta a de fato comprar essa luta, além de se fazer necessário pensar novas metodologias para a sua implementação.

Nesse trabalho propomos uma reflexão sobre o uso do cinema para discutir questões étnico-raciais nas aulas de História do ensino básico, apresentando essa ferramenta como possibilidade de efetivação da lei 10.639/03. Refletiremos a intervenção pedagógica realizada no Colégio Municipal Edvaldo Brandão em Cachoeira-Ba. Na ocasião foi exibido o filme *Corra!* (2017) para uma turma do 9º ano Ensino Fundamental (Anos Finais). Esse artigo é fruto das reflexões obtidas através da exibição e também de pesquisa bibliográfica acerca da temática.

“Corra!” (*Get Out*) é um filme estadunidense lançado em 2017, de 104 minutos, dirigido e roteirizado pelo cineasta norte americano Jordan Peele, ganhador do prêmio de melhor roteiro original no Oscar de 2018. Peele faz parte de uma nova geração de cineastas negros que tem feito trabalhos bastante conceituados no cinema atual, que inclui Berry Jenkins diretor de *Moonlight*, ganhador do Oscar de melhor filme em 2017; Ava DuVernay que dirigiu *A Décima Terceira Emenda* (2016) e Ryan Coogler, diretor e *Pantera Negra* (2018), ambos indicados ao Oscar de melhor documentário e melhor filme respectivamente. Esses e muitos outros cineastas negros têm apresentado filmes com forte crítica social e que debatem as relações raciais na sociedade contemporânea.

Essa nova geração de diretores negros surge quando os Estados Unidos vem passando por um processo de acirramento da tensão racial, com o ressurgimento de movimentos supremacistas brancos que pregam ódio aos negros e outras minorias. Em um momento também de muitos protestos por falta de representatividade negra no cinema hollywoodiano e nas premiações de anos anteriores, além da luta das atrizes por melhores salários, todos esses ingredientes tem feito a indústria do cinema repensar a representatividade das minorias nas telas.

É nesse contexto que surge “Corra!”, filme terror psicológico que conta a história de Chris (Daniel Kaluuya), jovem negro, fotógrafo bem sucedido, que viaja com sua namorada branca Rose Armitage (Allison Willians) para conhecer sua família. A princípio tudo parece tranquilo, mas com o tempo Chris vai percebendo que existe algo de estranho acontecendo, principalmente com os empregados dos Armitage que coincidentemente são todos negros, e o que parecia uma simples visita acaba se tornando um pesadelo na vida de Chris.

LEI 10.639/03

Depois de várias décadas de lutas dos movimentos sociais negros, finalmente em 2003 foi sancionada a lei 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica. Essa lei representa um grande avanço para as populações negras do país, pois garante a possibilidade de vislumbrar na escola outra perspectiva de narrativa histórica, diferente da construída pelo grupo hegemônico, pautada numa visão monocultura, que privilegia apenas a versão branca e europeia da história brasileira, subalternizando as contribuições dos demais grupos na construção do país.

Na educação básica desde os primeiros anos escolares temos acesso a uma história que privilegia basicamente a história da Europa, enaltecendo os grandes fatos, os heróis, as conquistas desse continente, estabelecendo a história da humanidade de um ponto de vista eurocêntrico. No que diz respeito ao continente africano, este quando é retratado é de maneira superficial, sem levar em consideração a complexidade do continente, atribuindo a este lugar, fome, pobreza e exotismo e escravidão.

Com relação à História do Brasil também é possível notar essa seletividade dos conteúdos. Os livros didáticos de história em sua maioria, trazem com ênfase maior a história dos grandes fatos, dos grandes heróis, dos colonizadores. Subalternizando a história de resistência dos povos negros e indígenas, como por exemplo, A Revolta dos Malês (1835); a formação do Quilombo dos Palmares, ou a luta do Movimento Negro para garantir a cidadania da comunidade negra. Esses temas quando são tratados aparecem de maneira superficial, o currículo escolar se omite a esses fatos históricos como se não fossem relevantes para a história do país.

Além da encucação ideológica promovida pelo cinema, rádio, TV, revistas e instituições, o livro didático, pela importância que lhe é atribuída pelo poder do Estado de transmitir “Verdades” que lhe é conferido, consegue de forma sistemática inculcar na cabeça dos jovens e crianças conceitos e visões deformadas e cristalizadas, que passam a ser assumidas como conceitos e visões da “realidade” que se constitui ideologicamente (SILVA, 1998, p. 03).

Se formos analisar o currículo escolar como todo, esse abismo é ainda maior, esses temas são quase inexistentes nas outras disciplinas escolares. Matérias como Artes, Literatura, dão pouca importância às contribuições da comunidade negra nesse campo. As produções europeias nesse campo são referências inabaláveis para a educação, o que impede de vislumbrar outras perspectivas de arte e literatura que estão presentes na nossa sociedade inclusive.

“Esse modelo educação de predomínio marcadamente eurocêntrico, geram traumas que comprometem o desenvolvimento cognitivo e afetivo dos alunos negros”. (SANTOS, 2011, p.18), gerando sentimento de inferioridade e incapacidade com relação às crianças brancas. Tendo em vista que não conseguem encontrar referenciais positivos sobre seus semelhantes, esse processo tem impacto direto sobre a construção da identidade desses indivíduos

que buscam cada vez mais se aproximar do modelo civilizatório apresentado como ideal.

Por isso é tão importante discutir relações raciais na escola, tendo em vista que esse espaço representa a diversidade da sociedade brasileira, e se furtar desse debate, ou simplesmente naturalizar o racismo nesse ambiente contribui para aumentar as desigualdades entre brancos e negros construídas historicamente, uma vez que os jovens negros tendem a se verem como inferiores ao perceberem que na própria escola estes lugares sociais também são imutáveis e naturalizados.

Essa falta de perspectiva dos estudantes negros geradas nas relações raciais estabelecidas dentro da própria escola tem impacto direto no desempenho escolar dos estudantes negros, que não se sentem capazes de desempenharem as atividades escolares. Esse é um dos motivos dos altos índices de evasão escolar de estudantes negros, que por não se acharem capazes ou por não encontrar bons referenciais acabam por abandonar a escola.

Várias pesquisas, nesse sentido, têm demonstrado que o racismo em nossa sociedade constitui também ingrediente para o fracasso escolar de alunos(as) negros(as). A sanção da Lei nº 10.639/2003 e da Resolução CNE/CP 1/2004 é um passo inicial rumo à reparação humanitária do povo negro brasileiro, pois abre caminho para a nação brasileira adotar medidas para corrigir os danos materiais, físicos e psicológicos resultantes do racismo e de formas conexas de discriminação (CAVALLEIRO, 2006, p.21).

É imprescindível, portanto, reconhecer que o racismo é um problema da sociedade brasileira, que foi agravado com a propagação do mito da democracia racial. Esse problema se faz presente e reinventa-se cotidianamente nas escolas brasileiras. A partir desse entendimento é necessário incorporar uma perspectiva histórica que contemple os grupos que foram subalternizados na narrativa histórica hegemônica. Esse é um passo importante na luta contra o racismo na sociedade brasileira.

O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros (MUNANGA, 2005, p.16).

Esse é um dos desafios da lei 10.639/03 - construir um debate que questione não só o currículo, mas a prática dos membros da comunidade escolar como um todo, tendo em vista que tanto professores quanto os próprios estudantes brancos e negros muitas vezes são responsáveis por disseminar uma série de preconceitos e estereótipos sobre a comunidade negra, isso acontece por causa da educação contaminada que tivemos tanto na escola, como em outros espaços e que muitas vezes acabamos por reproduzir mesmo que involuntariamente.

Muitos autores têm ressaltado os desafios para a efetivação dessa lei, tendo em vista que o objetivo dela é desconstruir um conhecimento histórico já está enraizado na cultura brasileira e naturalizado no imaginário das pessoas, no entanto é necessário que os professores e a sociedade no geral se empenhe para que diante desse contexto possamos vislumbrar outras perspectivas históricas, que são as perspectivas das comunidades negras e indígenas que foram subalternizadas e estereotipadas.

É importante destacar que não se trata de mudar um foco etnocêntrico marcadamente de raiz europeia por um africano, mas de ampliar o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira. Nesta perspectiva, cabe às escolas incluir no contexto dos estudos e atividades, que proporciona diariamente, também as contribuições histórico-culturais dos povos indígenas e dos descendentes de asiáticos, além das de raiz africana e europeia (BRASIL, 2004, p.17).

Este trecho da Determinação das Diretrizes Curriculares deixa bem evidente que o cuidado que os professores devem tomar e os caminhos que devem trilhar ao trabalhar essas questões na sala de aula. Com esse trecho fica evidente que a lei propõe um ensino de história que pautar a pluralidade da sociedade brasileira, sem hierarquização de um segmento em detrimento do outro.

Outro aspecto que dificulta a aplicabilidade da lei 10.639/03 é o desconhecimento dos professores acerca dos conteúdos referente à História da África e dos afro-brasileiros, tendo em vista que não foi pensada a formação básica dos professores para trabalharem estes conteúdos específicos na escola. Isso faz com que muitos professores trabalhem estas temáticas de forma estereotipada na sala de aula, o que acaba por perpetuar o ciclo de desinformação sobre o tema.

A legislação federal, segundo o nosso entendimento, é bem genérica e não se preocupa com a implementação adequada do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. Ela não estabelece metas para implementação da lei, não se refere à necessidade de qualificar os professores dos ensinos fundamental e médio para ministrarem as disciplinas referentes à Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, menos ainda, o que é grave segundo nosso entendimento, à necessidade de as universidades reformularem os seus programas de ensino e/ou cursos de graduação, especialmente os de licenciatura, para formarem professores aptos a ministrarem ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira (SANTOS, 2005, p.33).

Com base na leitura de Santos (2005) é possível perceber que a lei federal indiretamente joga a responsabilidade da aplicação da lei nas escolas para os professores ao não estabelecerem a obrigatoriedade também das universidades, principalmente os cursos de licenciatura de trabalharem estas questões no intuito de formar professores capacitados e dispostos a garantir a efetivação da lei.

Para Santos (2005) no entanto, é válido destacar o papel importante dos Núcleos de Estudos Afro-brasileiros (NEABs), o Movimento Negro Unificado e de Organizações não Governamentais vem desenvolvendo. Esta organizações tem estabelecido parcerias produtivas com diversas instituições de ensino a fim de garantir formação qualificada de professores e outros profissionais do ambiente escolar no intuito de se instrumentalizarem para trabalharem temas ligados ao continente africano e a cultura afro-brasileira nas escolas

É imprescindível também para a real efetivação da lei uma articulação mais elaborada com todas as disciplinas escolares para trabalhar os temas referentes à lei, tendo em vista que a preocupação maior em efetivar a lei tem ficado preferencialmente a cargo da disciplina de História, Educação Artística e Literatura como determina a lei.

Ou seja, ainda que a lei proponha o trabalho “[...] *em especial* nas áreas de Educação Artística, de Literatura e História Brasileiras” (Brasil, 2003, art. 26-A, parágrafo 2º), é preciso haver a transversalização desses saberes nas diversas disciplinas que compõem o currículo. Portanto, é altamente desejável que em Matemática, Química, Geografia, Biologia, etc. contemplem-se conhecimentos e aspectos oriundos das culturas africanas e afro-brasileira (SANTOS; PINTO; CHIRINÉIA, 2018, p.958).

Esse é um aspecto importante a ser pensado pelos educadores, trabalhar esses temas de maneira transversal talvez seja a forma mais eficaz de alcançar resultados mais satisfatórios na implementação da referida lei, tendo em vista que isso garantiria uma maior abrangência desses temas, naturalizando sua inserção no cotidiano escolar e aliviando as disciplinas referidas na lei do excesso de conteúdo. Essa articulação não é fácil, pois na escola existe uma hierarquização de saberes, que entende que estes conteúdos são menos importantes por não serem tão exigidos em vestibulares e exames.

É necessário que a inserção desses temas no currículo escolar aconteça da forma mais pragmática possível, tendo em vista que não é produtivo nem para os estudantes nem para os professores que haja uma sobrecarga desses conteúdos em sala de aula, sem fazer uma contextualização significativa com o currículo escolar como um todo. É necessário que essa inserção faça sentido tanto para professores quanto para os estudantes.

Já se tornou perceptível que não basta introduzir as temáticas africanas e afro-brasileiras sem repensar o sentido e as escolhas curriculares como um todo. Há de se considerar as questões que emergem do tecido delicado e sensível que entrelaça Educação e poder no espaço escolar (LIMA, 2016, p.12).

Para Lima (2016) além de avaliar o que já se alcançou com a promulgação da lei 10.639/03 até aqui, se faz necessário pensar mecanismos de fortalecer e aprofundar as discussões sobre o tema. Esse é um aspecto importante, é necessário sempre fomentar pesquisas que possam contribuir com o debate, além de pensar novas metodologias para a real efetivação dessa lei tão importante nas escolas.

No entanto, sem perder de vista que é preciso reconhecer os grandes avanços que foram conquistados nesse campo até aqui. Aprimorar essas

pesquisas e as metodologias, aliadas a uma formação qualificada dos professores podem garantir resultados satisfatórios na efetivação dessa lei.

POSSIBILIDADES DE DISCUSSÃO

O filme *Corra!* oferece diversas possibilidades de análise, no entanto, nos propomos a discutir principalmente: relações inter-raciais³, racismo velado⁴ e a identidade do homem negro numa sociedade racializada⁵. O personagem de Chris é a todo o momento questionado sobre o seu papel na sociedade, apesar da atitude amistosa da família Armitage em recebê-lo acabam reproduzindo uma série de estereótipos sobre os negros, que eles entendem como natural, como por exemplo, o fato de associarem aos homens negros naturalmente características de força e resistência física.

Isso fica evidente em uma das cenas do filme onde o irmão de Allison questiona Chris pelo fato de não praticar artes marciais, como se o homem negro não pudesse fugir da condição de exercer trabalhos que exigem força e resistência, esses estereótipos são fruto do processo de escravidão, na qual o homem negro era concebido somente como mão de obra. As teorias raciais posteriormente reforçaram esse estereótipo através da ideia de estabelecer os lugares sociais para brancos e negros na sociedade, ao primeiro foram atribuídas características ligadas à intelectualidade, e ao segundo características de força e resistência.

Estes estereótipos estão enraizados tanto na cultura norte americana quanto na cultura brasileira e dão conta de um processo de objetificação e sexualização do corpo negro que estão associados constantemente à virilidade, sensualidade e força física.

Mais do qualquer outro grupo de homens em nossa sociedade, os homens negros são muitas vezes concebidos como sujeitos desprovidos de habilidades intelectuais. Sob a visão estereotipada do racismo e do sexismo que os veem como mais corpo do que mente, homens negros estão propensos a serem recebidos pela sociedade da supremacia branca capitalista, imperialista e patriarcal, como sujeitos que parecem ser idiotas ou, como nós que crescemos nos anos 1950 costumávamos dizer, pessoas lentas (isto é, pouco inteligentes) (HOOKS, 2015, p. 678).

Para contrapor essa ideia o diretor apresenta o protagonista como fotógrafo. Aos artistas são associados características de sensibilidade e

³ Segundo Santos (2018) o filme *Corra!* Serve como uma metáfora que explicita bem a relação de subalternidade que acontecem nas relações inter-raciais entre brancos e negros em sociedades racialmente hierarquizadas.

⁴ O racismo velado é aquele que se apresenta de formas mais sutis e que, no entanto, são mais difíceis de combater. No Brasil esse tipo é bastante comum muito por conta da propagação do mito da democracia racial que prega que não existem conflitos raciais no Brasil.

⁵ Segundo Fanon (2008) a identidade do homem negro na sociedade racializada é marcada pelos estereótipos que lhe são atribuídos, são vistos como violentos, viril e desprovidos de inteligência

intelectualidade, qualidades que sempre atribuídas aos homens brancos e nunca aos homens negros. Segundo Hooks (2015), a partir do momento que o homem negro é visto como intelectual, ele passa a ser concebido como uma ameaça para o mundo racista, pois a partir de então é possível que ele tome consciência da opressão que sofre e busque mecanismos de luta.

No filme esses estereótipos ficam evidentes na maneira como a família Armitage se relaciona com Chris, eles depositam constantemente expectativas sob o corpo e o comportamento de Chris como se isso fosse algo natural: “o pai espera que Chris seja bem humorado, quase cômico. O irmão espera que Chris seja um atleta vigoroso; chega a lamentar ele não usar seu corpo para isso. A mãe, psiquiatra, vê Chris como um objeto a ser dissecado” (SANTOS, 2018, p. 12).

À medida que a história vai se desenrolando Chris descobre uma trama mirabolante que os Armitage desenvolveram para sequestrar corpos negros e utilizarem em experiências, onde transferem a consciência de pessoas brancas para corpos negros, a fim de que se tornem imortais, uma vez que os brancos no filme partem do estereótipo que o corpo negro é mais resistente, mais forte, enquanto a mente dos brancos está ligada a inteligência.

É possível entender uma analogia nessa passagem ao processo da diáspora africana, na qual milhares de corpos negros foram sequestrados e jogados numa sociedade com padrões brancos e eurocêntricos, onde a cultura e a identidade desses povos foram sendo apagada com o passar dos anos, isso gerou um sentimento de negação de identidade dessas populações, que passaram a ver na cultura do outro o ideal a ser alcançado.

Esse processo de apagamento é representado no filme através do processo de hipnose que essas pessoas sequestradas são submetidas, nesse processo a consciência das pessoas negras é silenciada jogada nas profundezas do esquecimento. Um lugar onde essas pessoas assistem sem poderem reagir o apagamento da sua consciência. Esse esquecimento é uma analogia ao processo da inserção dos negros na cultura ocidental.

Ao entender a cultura branca como ideal os indivíduos negros acabam por negar sua própria identidade e para serem aceitos estes indivíduos acabam por agir de acordo com as expectativas das pessoas brancas na sociedade. Acontece nesse contexto o que Frantz Fanon (2008) chama de pele negra e máscaras brancas. Os relacionamentos inter-raciais podem ser entendidos sob essa ótica também, como uma busca dos homens negros de alcançarem esse ideal de ascensão social: “Amado-me ela me prova que sou digno de um amor branco. Sou amado como um branco. Sou um branco” (FANON, 2008, p. 69).

O racismo esconde assim seu verdadeiro rosto. Pela representação ou pela persuasão, leva o sujeito negro a desejar, invejar e projetar um futuro identificatório antagônico em relação a realidade de seu corpo e de sua história étnica e pessoal. Todo ideal identificatório do negro converte-se, desta maneira, num ideal de retorno ao passado, onde poderia ter sido branco, ou na projeção de um futuro, onde seu corpo, onde seu corpo e identidade negros deverão desaparecer (COSTA, 1984, p. 5).

Além da potencialidade desse filme para discutir todas essas questões elencadas acima, a escolha desse filme para discussão em sala de aula, foi principalmente por entendermos que esse é um filme impactante. A utilização de filmes comerciais em sala de aula pode ser uma estratégia interessante para despertar interesse dos estudantes pela aula, tendo em vista que os filmes comerciais em sua maioria são pensados para agradar as crianças e adolescentes. Apesar da narrativa relativamente simples é um filme que oferece diversas possibilidades de análise, pela complexidade dos elementos que estão escondidos na trama.

Por entender também que os filmes de terror são bastante consumidos pelo público jovem. “Corra!” é um filme de terror que foge dos estereótipos do gênero. Principalmente por ser protagonizado por um ator negro, coisa que não é muito comum no cinema hollywoodiano. A Noite dos Mortos Vivos (1968); Blacula (1972); O Mistério de Candyman (1990) fazem parte de um grupo seletivo de filmes que fugiram a regra e incluíram os negros como protagonistas de suas tramas, geralmente nos filmes de terror os personagens negros são coadjuvantes e quase sempre são os primeiros a morrer.

EXPERIÊNCIA NA SALA DE AULA

O filme teve uma receptividade muito boa pelos estudantes que se interessaram bastante pela história e pelos personagens, principalmente pelo protagonista, foi possível perceber através da reação dos estudantes que houve empatia com os dilemas vividos por Chris ao longo da história, e também pela repulsa que sentiam pelos antagonistas representados pela família Armitage, durante o filme os estudantes hostilizaram bastante esses personagens e vibraram bastante com o desfecho que tiveram na trama.

Após a exibição do filme iniciamos o debate indagando os estudantes sobre o que eles acharam do filme. Apesar da timidez ao serem questionados, muitos estudantes sinalizaram positivamente e participaram do debate. Alguns reclamaram do final, mas pela reação durante a exibição e pelas respostas foi possível perceber que o filme conseguiu prender a atenção dos estudantes. Esse é um aspecto importante, pois a escolha do filme foi pensada para que houvesse um envolvimento do público alvo com a trama.

Dentre os pontos levantados pelos estudantes durante o debate está a relação inter-racial entre Chris e Alisson, durante a discussão os estudantes trouxeram como exemplo os jogadores de futebol e os cantores negros no Brasil que ao alcançarem fama e dinheiro sempre buscam se relacionarem com as mulheres brancas, este tipo de comportamento está relacionado aos padrões que são estabelecidos no Brasil, que dão conta que brancos de olhos claros representam o ideal de beleza. E para legitimarem sua ascensão social, os homens negros buscam nas mulheres brancas esse ideal, no intuito de se aproximarem do padrão de vida branco.

A história de ascensão social do negro brasileiro é assim a história de sua assimilação aos padrões brancos de relações sociais. É a história da submissão ideológica de um estoque racial em presença de outro que se lhe faz hegemônico. É a

história de uma identidade renunciada, em atenção às circunstâncias que estipulam o preço do reconhecimento ao negro com base na intensidade de sua negação (SOUZA, 1983, p. 23).

Uma das estudantes chamou a atenção que esse fato não acontece somente com os homens negros em ascensão social, no entendimento dela a maioria dos homens negros tem a predileção pelas mulheres brancas. Esse entendimento tem um impacto grande na autoestima das mulheres negras, e são resultados também do processo histórico que associou a imagem das mulheres negras a um lugar de subalternidade.

Outro ponto debatido foi a relação do homem negro com a polícia, em uma das cenas do filme Chris e Allison são interceptados pela polícia depois de se envolverem em um acidente na estrada e mesmo que o veículo estivesse sendo conduzido por Alisson o policial pede para ver a documentação de Chris, que prontamente atende o pedido, essa atitude do policial incomoda bastante Alisson que questiona, enquanto Chris não esboça nenhuma reação. Já no final do filme com a chegada da polícia, mesmo sendo Chris a principal vítima, ainda assim levanta as mãos por entender a truculência da polícia com a população negra.

Esse tipo de postura por parte da polícia denota um racismo institucionalizado que atribuiu aos negros a condição de marginalidade, esse tipo de postura é comum tanto nos Estados Unidos como no Brasil. E o homem negro principalmente os jovens são as principais vítimas desse tipo de violência policial. Através da fala dos estudantes foi possível entender que eles percebem essa diferenciação na forma de agir da polícia entre brancos e negros.

“Já tomei muito baculejo”. “Os home barbariza mesmo.” Essas foram falas de alguns dos estudantes se referindo as constantes revistas e violência que sofrem e demonstram um processo de marginalização dos jovens negros, a quem são atribuídos características que estabelecem uma vigilância constante por parte da polícia e da sociedade em geral. Esse tipo de postura contra os jovens negros “são atos de violência física que produzem imaginações coletivas do que é ser jovem negro, ou seja, a reprodução da imagem do jovem negro enquanto violento que é uma violência em si” (MOORE, 2016, p. 13).

A construção desse imaginário tem silenciado dados alarmantes que dizem respeito ao processo de genocídio da juventude negra, aliada a uma política de encarceramento em massa sob a justificativa de política de guerra às drogas.

Entre os problemas do negro brasileiro, está a violência direcionada a seu corpo. Por exemplo, o “Atlas da Violência de 2017”, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2017), apontou que entre 2005 e 2015, a cada 100 pessoas assassinadas no Brasil, 71 eram negras. Os negros possuíam chances 23,5% maior de serem assassinados em relação aos brancos. Pode-se falar que o medo da violência é uma constante entre os homens negros periféricos (SANTOS, 2018, p. 4).

Dados como este demonstram que a morte desses jovens não está ligada somente a sua condição social, mas o fator racial é determinante: “Ou seja, ser negro é um determinante para que a violência incida com mais força sobre essa parcela da população. Essa constatação não é nada mais do que a afirmação da existência do racismo [...]” (GOMES; LABORNE, 2018, p. 6).

Por isso, é tão importante discutir a constituição da masculinidade negra nas escolas e em outros espaços, pois a identidade dos jovens negros é atravessada pela questão racial, e pela violência direcionada ao seu corpo esse processo vem desde a escravidão e ao longo dos anos essa violência tem ganhado novos contornos. Essas discussões são de fundamental importância principalmente nas escolas públicas do Brasil, pois nesse espaço encontra-se uma parcela considerável desses indivíduos que são afetados por essa violência.

O Edvaldo Brandão Correia desde o início de 2019 vem contando com a inserção de policiais militares da reserva, para participar do projeto do Governo do Estado que busca incorporar policiais militares no cotidiano escolar a fim de implementar um modelo parecido com o dos Colégios Militares, pelo menos na questão disciplinar, segundo o projeto as questões pedagógicas ainda ficarão a cargo dos professores.

Essa tem sido uma estratégia adotada por vários municípios do Estado e ainda é cedo para dizer as implicações que essas ações terão no ensino público, no entanto, é possível dizer que ações como essa por si só não resolve os problemas comportamentais dos estudantes. Para além dessa questão se faz necessário pensar a inserção de psicólogos e assistentes sociais na escola no intuito não só de vigiar e punir, mas de detectar de onde vem a indisciplina dos jovens e buscar mecanismo para solucionar tais problemas.

A vida das populações negras na sociedade racializada tem sido marcada pela desigualdade, problemas como a violência, falta de oportunidade e exclusão dos espaços de poder, frutos do racismo institucionalizado tem causado efeitos nefastos, para essas populações. Todos esses elementos acabam sendo internalizados e naturalizados, causando complexo de inferioridade e de frustração que geram danos psicológicos irreparáveis nessas populações. Para além dessas questões, o filme “Corra!” nos leva a refletir como o racismo cotidiano, velado ou escancarado afetam nossa vida e nossa subjetividade. Esses elementos tem tornado a vida das populações negras em um verdadeiro filme de terror.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do filme Corra foi possível discutir uma série de temas, como por exemplo, as relações inter-raciais, masculinidade negra e racismo velado, possibilitando trabalhos em sala de aula, principalmente na disciplina de História.

Mostrando que o cinema como prática pedagógica tem resultados positivos, sendo uma grande ferramenta no ensino e aprendizagem, consequentemente, na construção do conhecimento. É necessário que antes de fazer o uso dessa ferramenta o docente tenha assistido ao filme, para que possa

articular com o conteúdo que irá trabalhar na disciplina. Além de preparar os alunos para que entendam a mensagem que o filme transmite.

Mesmo as escolas sendo um ambiente educativo, percebe-se que existe uma grande dificuldade por parte dos professores, alunos, em praticar a discussão sobre várias temáticas, principalmente que envolvem a população negra. É preciso pensar de forma a mudar a prática metodológica, ter uma preocupação na escolha dos materiais didáticos utilizados na sala de aula para que contemple a diversidade étnico-racial, inserir a questão racial como conteúdo interdisciplinar, levando em consideração a efetivação da Lei 10.639/03 no ambiente escolar. A Lei em vigor visa possibilitar uma formação mais ampla dos sujeitos, compreendendo e possibilitando uma construção da identidade cultural brasileira e africana, discutindo sobre a formação cultural e histórica do povo brasileiro

Além de refletir acerca dos processos de constituição da identidade dos negros e sua condição na sociedade, que é de fundamental importância. Possibilitando a desconstrução dos estereótipos que são atribuídos aos negros, para construção de um novo olhar para a diversidade, principalmente para a identidade dos alunos negros.

Com as informações discutidas no artigo, espera-se contribuir para novos conhecimentos acadêmico acerca da utilização do cinema em sala de aula, visto que outros pontos da utilização do filme podem ser pesquisados.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Conselho Nacional de Educação (CNE). Parecer nº 03/2004 de 10 de março do Conselho Pleno do CNE. Brasília: MEC; SEPPIR, 2004.

CAVALLEIRO, Eliane. Valores civilizatórios dimensões históricas para uma educação anti-racista. *In: Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais* Brasília: SECAD, 2006.

CHIRINÉIA, Andreia Melanda, PINTO, Eliane Aparecido Toledo, SANTOS, Elisabete Figueroa dos. A lei 10.639/03 e os epistemicídio: Relações e embates. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 43, n.3, p.949-967, jul/set.2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edreal/v43n3/2175-6236-edreal-2175-623665332.pdf>. Acesso em: 17 de jul. 2019.

COSTA, Jurandir Freire. Da cor ao corpo: a violência do racismo. *In: SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro: As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social* - Rio de Janeiro Edição Graal. Coleção Tendências; v4. 1983.

FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Bahia: Editora Edufba, 2008.

GOMES, Nilma Lino. LABORNE, Ana Amélia de Paula. Pedagogia da crueldade: Racismo e extermínio da juventude negra. **Educação em revista**. Belo Horizonte, v.34, ed: 197406, nov. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edur/v34/1982-6621-edur-34-e197406.pdf> Acesso em: 18 jun. 2019.

Hooks, bell. Escolarizando homens negros. **Revista Estudos Feministas, Florianópolis**, v. 23, n. 3, p. 677-689, nov. 2015. ISSN 1806-9584. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/41784/30373>. Acesso em: 17 de jul. 2019.

LIMA, Mônica. **Histórias da escravidão e do pós abolição para as escolas**. Cruz das Almas. EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.

MOORE, Hannah Keturah. **Violência policial masculinidade negra e empoderamento através da arte**: Dois estudos de caso com jovens negros de Salvador. (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia, Salvador/BA.

MUNANGA, Kabengele. (org). **Superando o racismo na escola**. 2º edição revisada. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SANTOS, Roberto Carlos Oliveira dos. **Aluno negro em sala branca**: representações sociais de aluno/a sobre relações étnico-raciais afetadas no contexto educativo. (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade PPGEduc do Departamento de Educação Campus I, da Universidade do Estado da Bahia, Salvador /BA 2011.

SANTOS, Sales Augusto dos. A Lei nº 10.639/03 como fruto da luta anti-racista do Movimento Negro. *In*: **Educação anti-racista**: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03 / Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SANTOS, Wellington Oliveiras Dos. Corra! Homem negro e relações inter-raciais na Diáspora. *In*: **Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros**. Anais Uberlândia-MG, 2018. Disponível em:
https://www.copene2018.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/1525966180_ARQUIVO_getout-copeneCORRECAO.pdf. Acesso em: 18 de jul. 2019.

SILVA, Ana Célia da. **Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático**. Salvador: EDUFBA, 1998.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social - Rio de Janeiro Edição Graal. Coleção Tendências; v4. 1983.